

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial. Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura. Atribuem-lhe a criação da primeira rede global de ensino e um sem número de arquivos ainda hoje úteis para muitas áreas do saber humano: assinalará a história da ciência um contributo notável da Companhia de Jesus para a história do conhecimento? Ou crê-lo-ão, alguns, como travão de uma evolução? Seremos todos descendentes do Iluminismo ou filhos desse outro tempo histórico que teve na religião católica a sua principal alavanca?

RL #50 | AO LARGO

72

apocalípticos e integrados

# elogio do Iluminismo

CARLOS FIOLEIS \*

Em 1784, Immanuel Kant publicou um folheto em que respondia à questão: *O que é o Iluminismo?* “Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria, se a sua causa não residir na carência de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo, sem a guia de outrem. *Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” O Iluminismo consiste, portanto, em seguir a voz interior da razão. Kant era um newtoniano que, depois de ter escrito um tratado de mecânica celeste, procurou “a lei moral interior”. O ideal iluminista consistia em seguir sempre a razão, tanto nas coisas da Natureza como nas coisas do homem. E a razão significava conhecimento, mas também liberdade, igualdade e direitos. O Iluminismo triunfou na ciência, ao acelerar um progresso material que dura até hoje, mas, tendo lançado as sementes de progresso moral e social, não assegurou, porém, o seu crescimento ao mesmo ritmo. Cedo se percebeu que, se o método científico era adequado para descrever a Natureza, conduzindo a uma visão racional universalmente aceite, em matérias sociais e humanas esse método de pouco ou nada servia. Tinha de se avançar de forma lenta e errática. Em 1784, reinava em Portugal D. Maria I. Quando foi entronizada, em 1777, virava-se uma página da história marcada pela forte ação do Marquês de Pombal, secretário de Estado do seu pai, D. José. Costuma associar-se o Marquês ao Iluminismo luso, em virtude da reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 e da reforma da Universidade de Coimbra (UC) de 1772, implantando o newtonianismo, para não falar das grandes mudanças económicas e religiosas que empreendeu. O seu conflito

com os jesuítas, que teve o auge na sua expulsão do reino em 1759, ilustra bem a disputa pelo poder na época. Mais do que uma questão teológica, estava em jogo a afirmação do Estado e do regalismo, já que os jesuítas tinham um voto de obediência ao Papa. Era a razão de Estado contra a razão da Companhia de Jesus. A moderna historiografia ensina-nos a não ver o passado a preto e branco: nem os jesuítas eram tão maus quanto a implacável propaganda pombalina fazia crer – por exemplo, padres como Inácio Monteiro eram iluministas – nem o Marquês era um modelo de racionalidade. Ele acendia a sua luz, mas, para que ela se visse melhor, apagava a dos outros (o historiador britânico Kenneth Maxwell chamou-lhe o “paradoxo do Iluminismo”). Não desprezando o papel transformador do Marquês, a verdade é que D. João V, o nosso “rei Sol”, já antes tinha feito luz. A construção da Biblioteca Joanina da UC, do Convento de Mafra e a fundação da Academia Real da História Portuguesa foram momentos brilhantes do nosso Iluminismo. Hoje somos todos descendentes do Iluminismo. Apreciamos o conhecimento e apreciamos também os valores sociais e humanos que esse extraordinário tempo histórico nos legou. Há, além do mais, uma atitude otimista no Iluminismo – resumida no *Sapere aude!* Ousa saber! –, que continua a ser muito útil nos enevoados dias de hoje. Não nos devemos deixar levar pelos profetas da desgraça, mas antes confiar que, com conhecimento, decisão e coragem, acabaremos por encontrar soluções para os grandes problemas que nos afligem.

\* Departamento de Física  
da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra